

## INFARTO E HOSPITALIZAÇÃO – UMA HISTÓRIA

Moacir Amaral

Hoje é o nono dia que estou em casa. Já me sinto mais forte e mais inteiro. Meu corpo se abre um pouquinho mais do medo e do trauma. Consegui dormir 8h esta noite: uma bênção que me enche de gratidão e traz uma calma para o corpo. Cada dia uma conquista, cada dia um pouquinho melhor, cada dia algo se conecta e algo maior se restabelece, uma integridade que já parece possível.

Foram 25 dias no hospital desde minha entrada na emergência. 25 dias de impotência, desempoderamento e espera. Colocado na posição de paciente, o hospital faz da gente um prisioneiro, principalmente do campo psíquico que permeia e influencia toda a instituição. Um prisioneiro da dor e do sofrimento. Um prisioneiro... as vezes bem tratado, as vezes maltratado. Um prisioneiro.

“Se você colocar os pés para fora da cama vou chamar o médico para te sedar”. Opa! De volta ao nazismo e aos regimes totalitários? E o próprio médico: “se você não parar com isso eu vou te sedar!” Se me sedasse me mataria; um edema desses se me deitasse morreria. De volta à imbecilidade e ao capricho dos poderosos? O médico (poderia denunciá-lo ao CRM por ameaça de morte e conduta assassina, mas seria mais gratificante dar-lhe um soco na cara! E uma cusparada) o energúmeno iria me fazer parar com “isso” nem que fosse a bala, de seu arsenal químico. “Isso” sendo a tentativa desesperada de encontrar uma posição na cama (ortopnéia) que acalmasse o desespero da falta de ar e a dor de um edema pleural que necessitava ser drenado – e que seria drenado pela manhã. Durante a tarde eu havia encontrado uma posição muito boa, que me trouxe muita paz; eu fiquei sentado na beirada da cama, com os pés para baixo, e a cabeça apoiada no peito de minha filha, em pé na minha frente, me abraçando e fazendo uma fricção carinhosa, gentil, nas minhas costas, e eu acalmei tanto, todos os sinais monitorizados se estabilizaram. Havia mais duas amigas presentes que acrescentavam aos cuidados de minha filha nas minhas costas, seus toques também integradores. Quanta paz em meio àquele desespero. Era essa posição que eu buscava durante a noite e que tanto assustou a enfermeira. E pela manhã a surpresa: o cirurgião indicado para drenar o edema foi impedido de fazê-lo. E o edema ficou esperando por 12h para ser drenado só no começo da noite. 12h depois. Porque a chefe da UTI não permitiu que o cirurgião enviado àquela hora da manhã o fizesse em 10 minutinhos no máximo... Tudo porque ele teve uma crise passageira de saúde por uma síndrome que o acompanha desde muito tempo e não o impede de nada e ela, autoridade máxima médica, o queria internado e acamado. Esperei 12h na dor e no desconforto até que a equipe

cirúrgica pode liberar outro cirurgião assistente para vir drenar meu edema: 2 litros e meio de um líquido sero-sanguinolento foram drenados; 2 litros e meio de líquido ocupando um lugar na pleura onde não devia haver líquido nenhum. Drenados 12h depois do que já poderia ter sido drenado em um procedimento simples e rápido 12h antes em não mais que 10 minutos. Graças ao poder e a vontade da chefe da UTI. Eu que me danasse.

Essa foi uma grande espera, com muito sofrimento, muita dor; mas são inúmeras esperas menores, não tão sofridas por alguma coisa física tão dolorosa, que vão acontecendo e vão nos quebrando por dentro, até que nos sentimos completamente destroçados, a integridade da alma se desfaz, aos pedaços, e o medo toma conta. Tanto medo que é impossível dormir; que é impossível desligar e dormir. Fora a raiva impotente que produz, ou se traduz em uma fibrilação atrial e uma taquiarritmia do coração já propenso a isso por força da cirurgia sofrida. E que prolonga minha estadia hospitalar...

A cirurgia sofrida foi uma coisa boa e bem feita. Necessária. O stent colocado na artéria coronária DA há 5 meses atrás, após o infarto, havia entupido em um oclusão de mais de 95%, devido a um processo inflamatório – meu corpo o havia rejeitado? Não o queria ali? Ou... O corpo criou a inflamação no stent convidando o peito e o coração a serem abertos e o aneurisma poder ser descoberto e tratado? O entupimento do stent me salvou a vida? Essa a mão do Anjo da Guarda? De Deus? Quem sabe ao certo o que aconteceu... O fato é que o stent entupiu. Por isso eu voltara a sentir na garganta e na mandíbula o desconforto da angina ao esforço físico, por isso foi-me pedido um novo cateterismo, por isso essa nova internação e a cirurgia. Dessa vez abriram meu peito e eu conheci o mistério da serra elétrica. Dessa vez pararam meu coração e fizeram uma revascularização com pontes mamária e safena; dessa vez abriram o próprio coração e identificaram e ressecaram um aneurisma de parede septal . Dessa vez me sedaram, serraram, abriram, repararam, costuram de volta e fecharam. Um atropelamento consentido por um trator competente, tecnicamente preciso, delicado e no entanto naturalmente muito agressivo.

Até chegar aí foram uma dezena de furos nos braços pegando veias e perdendo veias, umas dezenas de furos nas pontas dos dedos para a glicemia três vezes por dia; umas dezenas de furos na barriga para o anticoagulante necessário. 25 dias de furos e ferimentos venosos, braços roxos e em frangalhos cuja simples visão dava vontade de chorar. Até chegar aí houve o cateterismo pela artéria da virilha direita, o que mostrou o stent entupido e a necessidade da cirurgia, cateterismo cuja compressão final para fechamento da artéria foi insuficiente devido aos anteadesivos plaquetários poderosos, e que vasou em um hematoma monstro que deixou o saco roxo o pinto roxo a coxa roxa, inchados

e monstruosos, quase pretos na verdade. E depois da cirurgia continuaram os furos e as veias perdidas, inflamadas, endurecidas, estouradas... e os furos nos dedos e na barriga.

Mas pior que isso eram as esperas. Furos e ferimentos magoavam o corpo que sofria e se encolhia, tenso, com medo da dor e traumatizado. As esperas traziam o despoderamento e a impotência, quebravam a alma, destroçavam a integridade, revelavam a fraqueza até então insuspeitada, e o medo. A dor e o medo. A impossibilidade de dormir, de desligar, ia ia quase desligando e aquela aparente falta de ar e ameaça mostra que ligava e acordava na hora. O medo da morte. A descoberta da minha mortalidade cruamente revelada no medo da morte. Junto ao medo do corpo que cada vez que dormiu no sono induzido das anestésias foi agredido, cortado e costurado. Impossível dormir, mesmo com os benzodiazepínicos; e o desespero crescente. Desespero monstro. Disparando fibrilação atrial e taquiarritmia, aumentando o desespero por estender ainda mais a estadia hospitalar, além da ameaça do choque elétrico se não revertisse quimicamente. As esperas eram de todo tipo, as vezes até dos serviços de enfermagem a algum pedido simples... Como quando a gente espera o leite ferver e fica olhando e nunca ferve. Desespero.

Esperar o cirurgião que viria retirar o dreno da retirada do hematoma retroesternal um dia inteiro e o cara não aparecer nem telefonar para dizer que não vinha. Isso destrói a pessoa em uma impotência e insignificância garantidas. Esperar a vaga na Semi-intensiva estando na UTI, esperar a vaga do quarto estando na Semi – esperas infundáveis sem prazo para acontecer, sem poder nenhum diante da estrutura institucional. Tudo isso arreventa a alma e destrói a pessoa. Meu barco afundou nesse esgoto das relações humanas desrespeitosas e desiguais, onde a instituição e seus representantes têm o poder e o paciente apenas impotência. Isso me quebrou. A máquina institucional maior e mais importante que o humano. A técnica que salva vidas despedaça a alma e a integridade humana. Sinto-me agradecido à técnica que salvou minha vida revascularizando meu coração e cuidou de todas as intercorrências e complicações que surgiram inesperadas. Gratidão forte que enche e aquece meu coração e minha alma, alma destroçada pela própria instituição que me salvou, e do qual fui refém impotente à espera...

Nas minhas noites desesperadas e insones dormir era um pesadelo. Remédios fortíssimos levaram-me para uma região sombria entre fantasmas informes e muito medo; e na hora mais grave, graças ao próprio remédio apaguei, acordando surpreso e esquisito já no dia seguinte.

Numa dessas noites, pela madrugada, começaram a vir as canções. Canções de amor e morte, dor e sofrimento que me encantavam quando eu era uma

criança de 9, 10 anos de idade, e que eu sabia de cor pois cantá-las era para mim expressão de um mim mesmo profundo que embora criança, me sentia tão junto e compreendido, canções que eu amava como se tivessem sido escritas por mim mesmo. Geraldo Vandré e sua canção nordestina, Edu Lobo pra dizer adeus; Marcos Vale e eu preciso aprender a ser só... e muitas outras desses mesmos cantadores, sempre falando da morte, da perda, e de um amor que desapareceu, como Caymmi é doce morrer no mar. Essas canções voltaram à memória na madrugada e eu as ia cantando naquele quarto da Semi. Minha filha era minha acompanhante e pode acompanhar toda a história e toda minha dor que assim se expressava, e facilitar meu processo me dando força e suporte. "Vai pai, sente tudo", "Pode chorar, pai, sente sim" "Se expressa mesmo, pai", "Isso, pai". Eu cantava e chorava e sentia que uma morte que não era minha saía de mim lá do fundo de um passado ... Essa morte impregnada, que não me pertencia, que fora introjetada pela criança que eu fora, em busca de expressão para uma solidão profunda, ia deixando meu corpo e abrindo caminho para minha mortalidade concreta e verdadeira, que assim se apresentava, e o medo que vem junto, sem idade! Uma liberação ia acontecendo na alma; uma recuperação que o inconsciente se encarregava de manejar e cuidar. Para não enlouquecer no desespero de um hospital em que já parecia que nunca mais eu sairia de lá; com uma nova intercorrência a cada dia me fazendo ficar mais um dia, mais uns dias... Deus do céu, um horror!

Fato é que depois de um dia inteiro de espera em que o cirurgião nem veio nem avisou, ele veio no dia seguinte. Retirou o dreno em cinco segundos e me deu alta. O clínico que já havia passado mais cedo e ido embora continuando suas visitas médicas, pelo telefone, para a enfermagem, quis que eu ficasse mais um dia. Oh não! Então eu sairia por minha própria conta, apoiado na alta do cirurgião, assinaria qualquer papel tomando para mim essa responsabilidade. Mas não foi preciso. O cirurgião ficou ao meu lado e falou com o clínico, também por telefone, que concordou com a alta, prescreveu os remédios que o cirurgião se encarregou de me passar e eu estava livre para vir para casa.

E o medo de sair do Hospital? Eu nunca havia imaginado que poderia sentir algo assim... mas era verdade e me percebi enrolando, esperando isso e aquilo, fazendo pequenos pedidos à enfermagem, aguardando para me trocar e por a roupa de ir embora. Os últimos quatro ou cinco dias eu havia ficado direto na cama por causa do dreno que me prendia a um aparelho de sucção, e tinha medo de me levantar também, de ficar de pé, de andar. Medo do esforço me fibrilar e ter que ficar mais no hospital. Medo de ir embora, medo de ficar mais. Quase sem saída! Mas eu tinha recebido alta e tinha meia hora para deixar o quarto. Eu tinha que ir embora. E eu vim embora!

Ah!... os últimos quatro dias... ficara preso a cama pelo dreno e isso me impedia de ir ao banheiro o que significa xixi no papagaio, aprendido as duras penas, pois no começo, desde a primeira internação e todas as vezes que isso fora necessário nesta, fora quase impossível fazer xixi deitado, fazer xixi na cama, a força desse condicionamento desde pequenino. Pior. Usar fraldão e fazer coco deitado, fazer coco na cama! Uma regressão surpreendente e quase humilhante. Pior, precisar que alguém venha lhe limpar e trocar, e a sensação de constrangimento e culpa, soltando minha merda para um outro limpar. Pior, acabar de ser limpo e trocado e sentir nova vontade e fazer mais coco, e querer segurar, querer que a vontade não estivesse ali, sujar as fraldas recém-trocadas, despejar mais merda em seguida para o outro limpar – por mais que o moço da enfermagem tenha sido gentil e respeitoso, sem gestos ou caras de contrariado, fazendo seu trabalho o mais humanamente possível, meu constrangimento era tanto que nem encontro palavras que definam o que realmente sentia... Vergonha! Isso! Vergonha era o que eu sentia. Profundamente envergonhado de ter que ser limpo de novo, de expor o atendente à minha merda de novo, a fazer de novo o mesmo e, um minuto depois da segunda troca, ver o xixi vazar pela fralda e extravasar, para a necessidade de uma nova troca, a terceira em poucos minutos naquela manhã... Ah!...

Que prazer ser levado de cadeira de rodas, agora para a porta do hospital – não mais para um novo exame, um novo procedimento – e sair do hospital, entrar no carro e no trânsito. Chovia e as ruas congestionadas eram paraíso, com as poças d'água e as pessoas de guarda-chuvas; as árvores verdes como nunca e a água caindo. A Vida despejada de nuvens sempre cheias e generosas. Assim cheguei em casa depois de uma pequena viagem de carro que eu não queria mais que acabasse. Respirando uma liberdade que agora me encantava. Voltei para casa e meu murundu no sofá com cobertorzinho verde e livros e tudo ao meu redor. Conforto e carinho do ninho seguro.

Conforto e carinho que me acompanhou durante todo o tempo no horror do hospital pelas pessoas queridas sempre ali comigo e também o pessoal do hospital, assistentes de enfermagem que cuidavam diretamente de mim e, em sua grande maioria eram cuidadosos, carinhosos e respeitosos. Minha mulher sempre presente, com seu amor e disponibilidade, segurando todas as ondas e tsunamis, recebendo os amigos todos, encaminhando as coisas, também cuidando das coisas de casa e suas exigências do dia a dia, as muitas chamadas telefônicas e suas necessidades e respostas, e também cuidando do campo astral do hospital que as vezes era tão pesado e escuro que nos sufocava ainda mais, exigindo uma atenção precisa e uma atuação energética imediata e profunda; minha filha sempre presente, com seu carinho, atenção e

disponibilidade, me envolvendo com seu amor; meu irmão, acompanhando de perto com sua presença e sua compreensão vivida da dor que eu experimentava, e que sempre me alerta nas minhas distorções, como no dia em que distraí um assistente de enfermagem porque não achava razoável um enorme atraso em alguma coisa que havia necessitado; e meu primo, irmão desde criança, agora muito próximo, presença constante com seu carinho e sua disponibilidade, ofertando sua arte e juntos elaborando toda a dor e o sofrimento que eu experimentava e que é maior que eu, é o sofrimento humano de todas as pessoas que passam diariamente o mesmo, ainda que as circunstâncias mudem; e os amigos! Tantos amigos tão próximos presentes todas as horas, sofrendo minha dor e trazendo compaixão – a força viva e atuante do Amor – com seus carinhos e bênçãos, conhecimentos médicos – os amigos médicos – e presença nos momentos cruciais, e todas as orações e intenções de cura, e caldos cheios de calor e vida, cheio de amor! Amigos queridos sempre presentes, levando força e eixo nos momentos todos de visitas e em suas próprias casas, mandando mensagens de força e cura, propiciando uma coesão sem a qual minha alma destrozada teria colapsado completamente. Esse é o amor que cura de verdade. Os amigos todos, o carinho todo. Bênçãos que atuam direto na alma e na carne, curando o que precisa ser curado. E uma gratidão infinita.

Agora estou em casa me recuperando aos pouquinhos. Foram 25 dias de hospital e todas as intervenções, que deixaram meu corpo assustado e com muita dor e sofrimento, e a alma destrozada. Aos poucos vou me recompondo, e o carinho continuado dos amigos e parentes tem sido o fator que faz a diferença, que age na superação do trauma e vai curando o coração e a alma...